

PARA ALÉM DO AMOR

Anne Marie e Suely deixaram
seus países para ir em busca
de uma nova vida

TEXTO | CAMILA SCHAFER e FABIANA REINHOLZ
FOTOS | EMANUELE SPIES





A tentativa de construir uma vida diferente ou de dar a ela um novo sentido leva muitas pessoas a se despedirem daquilo que conhecem como seu mundo. No decorrer desse caminho, muitos encontros e desencontros, alguns marcados por sorrisos, outros por lágrimas. "O intuito de um novo desafio, uma nova perspectiva, muitas vezes é necessário e isso está presente também nessa possibilidade de mover-se, de ir ao encontro, de enfrentar uma situação desconhecida", analisa Denise Macedo Ziliotto, psicóloga e conselheira do Conselho Regional de Psicologia do Rio Grande do Sul. Enfrentar o desconhecido é o ponto para onde convergem duas histórias distintas, mas permeadas e unidas pelo mesmo sentimento: o amor.

O rosto marcado e os cabelos grisalhos são o reflexo da vida de Anne Marie Crosville. Uma simpática francesa de 59 anos, dos quais 21 no Brasil, que dedica seus dias a ajudar crianças e jovens a redescobrirem sua identidade. Na casa onde vive, livros e lembranças são testemunhos da caminhada de Anne.

Sua história começou na cidade de Bricquebec, na Normandia. Filha de agricultores, de formação católica, aos cinco anos já afirmava aos missionários que voltavam da África: "Quando crescer, serei missionária como vocês". Com esse ideal, formou-se em pedagogia e passou a trabalhar em um instituto para crianças com problemas familiares e de aprendizado. Mas ainda não era o suficiente, o desejo era bem maior - ajudar as pessoas pelo mundo. A oportunidade veio aos 23 anos, quando foi para o México lutar pela demarcação das terras dos índios Otomis. "Quando tu és jovem, sonhas muito. Eu sou muito idealista. Aprendi a ser realista quando me dei conta que não sabia falar a língua, não conhecia nada", lembra Anne. Mesmo com as dificuldades, ela foi viver com os índios, conhecer o seu dia-a-dia. "Foi muito difícil, comeci a me desprender da minha cultura, da minha vida, do conforto. Uma loucura", diz a francesa.

Depois de passar um ano com os índios e criar uma escola numa favela de Guadalajara, no México, onde perma-



**O Instituto Infanto-Juvenil
Luiz Itamar oferece
diversas oficinas para
cerca de 100 crianças**

neceu sete anos, Anne entrou na guerrilha em El Salvador. Lá, seguiu nas frentes de guerra como educadora popular, a fim de ajudar o povo a se libertar pela educação. Expulsa do país, passou a ser considerada terrorista e procurada pela CIA. Com medo de ser presa, sua única saída foi voltar com outra identidade para a França.

Foi lá que, em 1985, conheceu Luiz Itamar, morador de Cachoeirinha, no Rio Grande do Sul. Com o brasileiro, que já havia sido menino de rua e era tetraplégico, iniciou uma grande história de amor. O sonho em comum de fundar um centro para abrigar crianças carentes foi realizado três anos mais tarde, quando vieram para o Brasil e montaram o espaço em uma pequena casa. Itamar não pôde acompanhar a continuidade do projeto que tinham planejado. Em 1990, faleceu por causa de complicações da esclerose múltipla. Nesse momento, Anne se sentiu desamparada, mas o amor que tinha plantado havia dado frutos. Vendo a situação da francesa, as crianças a abraçaram e pediram que ficasse. Com a ajuda de amigos de seu país e das crianças, ela fez da pequena casa o Instituto Infanto-Juvenil Luiz Itamar, que hoje atende 100 alunos através de oficinas de música, artesanato, pintura, entre outras.

A trajetória de Anne é permeada pelo intuito de resgatar a identidade cultural das crianças de todas as raças e etnias. "Todos temos que aprender uns com os outros. Não há ricos nem pobres, somos um mesmo povo, que tem que crescer junto", afirma a idealista de sorriso doce. Mesmo com o passar dos anos e a saudade da família, ela segue cultivando e plantando amor em forma de sonhos concretos.

À procura do futuro

Foi também por amor que Suely Tigre deixou sua terra natal. A promessa de uma vida melhor para a família, nutrida pela proposta de um emprego em Portugal, fez com que seu marido a deixasse – junto com as duas filhas, na Bahia. Era 2004, e Danilo Gomes Silva fez parte dos milhares de

brasileiros que deixam o país à procura de emprego em terras europeias. Infelizmente, a esperança foi dando lugar à incerteza, conta tristemente Suely, hoje com 28 anos. "Chegando a Portugal, ele falou que nos buscaria, mas foi tudo mentira. Ele arrumou outra mulher lá", lembra.

Passando dificuldades por causa do pouco dinheiro que o marido enviava, enfrentando assaltos e até um episódio de assédio sexual, Suely e suas filhas foram morar com sua mãe. No final de 2007, decidiu ir junto com sua cunhada para a Espanha, pois achava que lá teria mais possibilidades de emprego. Deixou as filhas, de três e quatro anos, com a avó. Seu objetivo era conseguir dinheiro para a casa própria.

Chegando a Madrid, sem estrutura e sem falar o idioma, as dificuldades começaram a aparecer. "Não conhecíamos nada, ficamos perdidas, vivendo a pão e leite. Nem caminhávamos na rua, porque tínhamos medo de nos perder", conta Suely. Vivendo entre um "bico" e outro, ela conseguia apenas o dinheiro suficiente para o aluguel. "Eu ia à igreja pedir alimentos toda a sexta-feira. Eles doavam e eu comia durante a semana. Às vezes, não dava pra semana toda e eu ficava com fome", explica. Entre lágrimas, a baiana conta que, além da fome, enfrentou humilhações nos trabalhos que conseguiu e chegou a passar frio na rua quando não tinha onde morar.

Então Suely recebeu um telefonema da irmã, dizendo que sua mãe estava muito doente e que ela precisava voltar. Nesse momento, teve de recorrer ao ex-marido, que ainda estava em Portugal, para pedir o dinheiro da passagem. "Chegando lá, descobri que ele era alcoólatra e não tinha lugar fixo pra morar. A situação dele era pior do que a minha. Entrei em desespero", conta. Depois de conseguir um trabalho e ficar em Portugal por três meses e meio, ela conseguiu voltar para a Bahia, em março de 2009, juntamente com o marido. A recepção das filhas foi



calorosa. Entre beijos e abraços, pediram que o pai ficasse e, assim, os quatro estão vivendo, sem a tão sonhada casa, mas juntos.

Adeus às origens

Afinal, por que algumas pessoas têm mais facilidade para se desprenderem de suas raízes? De acordo com a psicóloga Denise Ziliotto, as ações humanas são complexas e variam de acordo com uma gama de condições. "A facilidade em desapegar-se ou não está mais relacionada às características das relações que a pessoa estabelece com os outros", afirma. Segundo ela, de um lado, pode existir a segurança e a confiança com as pessoas próximas, fazendo com que a despedida e o desapego se tornem mais difíceis. De outro, a superficialidade de algumas relações pode fazer com que o indivíduo se arrisque mais, em função de uma percepção reduzida da perda.

Trabalho e formação profissional são os principais motivos para as pessoas deixarem o local onde vivem, principalmente para trocarem de país. Os desafios são constantes, como se percebe nas histórias de Anne e Suely. "Refazer uma série de referências é o maior desafio - sejam elas afetivas, profissionais, culturais, de mobilidade e mesmo pessoais", aponta a psicóloga. Ela explica que cada momento da vida é diferente e muitas vezes sem previsibilidade. "Às vezes acontece das pessoas passarem a relativizar seus valores e mesmo reavaliar os conceitos anteriores, pois vivem a sensação de serem 'estrangeiros' diante da vida, passando a estranhar, se surpreender e a lidar diferente com uma série de acontecimentos e experiências", analisa Denise.

Muitas perguntas e incertezas ainda povoam a cabeça de pessoas que se despedem de suas origens e encontram o "novo". Se valeu ou valerá a pena, ninguém sabe. Talvez seja como Renato Russo disse certa vez: "Quem um dia irá dizer que existe razão nas coisas feitas pelo coração".

IMPRESSÕES DE REPÓRTER

Quando fomos ao encontro de Anne Marie, a simpática senhora nos esperava no portão de seu sítio. Até seu cachorro nos recebeu com alegria! A casa da francesa, colorida, guarda cada pedacinho dos lugares que visitou, em forma de artesanato. Durante a conversa, um pensamento vinha em nossa cabeça: "Como essa mulher, depois de tudo que passou, consegue ter a mesma vontade, a mesma garra da juventude?". Tomamos um chá com biscoitos e conhecemos o recanto da grande idealista. Saindo de lá, a sensação era a mesma entre nós: uma grande vontade de ajudar os outros, de querer mudar o mundo! Já a história de Suely Tigre foi diferente. Tínhamos certeza de que seria uma grande história de superação, mas também de sofrimento e tristeza. Falamos com ela por telefone, mas é quase como se estivéssemos frente a frente. A baiana chorava ao lembrar os momentos tristes, mas ao mesmo tempo foi muito forte para nos contar o que aconteceu e para superar as dificuldades. No final, fica o exemplo dessas duas lindas histórias.